



“PROJETO OU CIRCUNSTÂNCIA” – RELATO DA ANÁLISE QUALITATIVA DA ESCOLHA PELO CURSO DE PEDAGOGIA

“PROJECT OR CIRCUMSTANCES” – REPORT OF QUALITATIVE ANALYSIS OF CHOICE FOR THE EDUCATION COURSE

Maria de Lourdes Sá Earp¹
Priscila Andrade M. Rodrigues²
Cecília Maria Marafelli³

Resumo: Este artigo tem como objetivo descrever o processo de análise das motivações relatadas por estudantes de universidades cariocas que os levaram ao Curso de Pedagogia. As respostas geraram relatos que foram analisados de maneira qualitativa. A análise mostrou que existem diferentes razões para os estudantes escolherem o curso de Pedagogia. Alguns estudantes escolhem Pedagogia por razões circunstanciais e outros escolheram Pedagogia por razões profissionais. Entre os que desejam ser professores há um grupo cuja escolha se deu antes do curso, denominada de “escolha precoce”, e outros que a fizeram durante o curso, que chamamos de “escolha tardia”. Há também um grupo de estudantes de Pedagogia que não desejam ser professor nem pedagogos. A questão do dom para o magistério é citada por muitos estudantes que pretendem ser professor, seja os que fizeram sua escolha anterior ao curso e seja pelos que a fizeram posteriormente.

Palavras-chave: Escolha docente; Magistério; Cursos de Pedagogia; Tipologia da escolha.

Abstract: This paper focuses on the analysis of motivations of students to major in Education at universities in Rio de Janeiro. Their answers generated short reports which were analyzed in a qualitative approach. The analysis showed that some students decided to study Education due to circumstances. There was also evidence that not all students of Education wish to be teachers; among those who wish to be teachers, there is a group whose choice was made before the beginning of the course, which we call “early choice”, and others

¹Doutorado em Antropologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia-PPGSA da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora do Mestrado Profissional em Avaliação da Faculdade Cesgranrio.

E-mail: malusaesrp@gmail.com

² Doutorado e Mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora da Faculdade de Educação da UFRJ. Email: priscilaapri@gmail.com

³ Doutorado e Mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora do Colégio Pedro II. E-mail: cmmarafelli1@gmail.com

who did it during the course, which we call "late choice". There is also a group of Education students who do not wish to be teachers or occupy educational positions. Yet, the gift for teaching is cited by many students wishing to be teachers, both those who made their choice before the course and those who did it later.

Keywords: Teachers' choice; Teaching; Education courses; Typology of choice.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a principal questão da pauta das políticas educacionais tem sido a melhoria na educação e um dos fatores determinantes para essa qualidade é a formação docente. Nesse sentido, estudos sobre os Cursos de Pedagogia e sua relação com a qualidade de ensino têm sido realizados no sentido de construir explicações sobre a qualidade da formação docente e os problemas de ensino aprendizagem de estudantes no país. A pesquisa "Cursos de Pedagogia – estudos de caso e desafios à produção de qualidade do ensino fundamental (2011-2016)", da qual esse estudo faz parte, teve como finalidade avaliar características de cursos em universidades do Rio de Janeiro, condições de formação, perfis, trajetórias escolares e hábitos de estudo dos graduandos. Este artigo é um recorte dessa pesquisa e tem como objetivo específico, a partir de parte da empiria, levantar e analisar as motivações que levaram estudantes ao Curso de Pedagogia. GATTI (2010), VALLE (2006), TARTUCE *ET. AL.* (2010), NOGUEIRA E PEREIRA (2010) ajudaram a analisar as respostas dos graduandos, na medida em que descrevem e discutem as principais motivações para a escolha da docência e permanência na profissão.

Uma das principais teses no campo da Sociologia da Educação é que as aspirações e expectativas subjetivas estão moldadas pelas condições objetivas nas quais os atores são socializados (NOGUEIRA E NOGUEIRA, 2015). A escolha profissional de um indivíduo é sempre resultado de uma adaptação dos agentes às condições sociais objetivas (BOURDIEU, 1989). Os elementos estruturais de ordem econômica, política, educacional pesam sobre as opções de cada um e acabam por prescrever o futuro no mais longo termo, orientando a escolha pessoal e exercendo forte influência sobre o itinerário profissional (VALLE, 2006).

Como ressalta Bourdieu (1989), as escolhas profissionais são fruto de uma operação, frequentemente obscura, de um senso prático da posição no campo, orientada pela estrutura interiorizada pelos agentes, que produziu sua história anterior e que ainda conduz o presente. Toda escolha, portanto, é uma escolha do possível e o leque de opções vai ser

mais ou menos determinado pelas condições objetivas em que inserem os agentes.

ESCOLHA PROFISSIONAL PELO MAGISTÉRIO

Em estudo visando compreender a lógica das escolhas profissionais de professores de 1ª a 4ª série, Valle (2006) considerou que os motivos para o ingresso no magistério levantados pelos professores permanecem no campo dos valores altruístas e da realização pessoal, estando baseadas na imagem de si e na experiência cotidiana: o dom e a vocação, o amor pelas crianças, o amor pelo outro, o amor pela profissão, o amor pelo saber e a necessidade de conquistar logo certa autonomia financeira aparecem como motivações para a docência. Outros estudos (MELLO, 1981, SILVA, ESPÓSITO E GATTI, 1994) mostraram que, ao longo de décadas, estas motivações vêm sendo as justificativas mais citadas para a escolha da docência e permanência na profissão.

Em um balanço sobre as licenciaturas, Gatti e Barreto (2009) e Gatti (2010) já destacavam a importância de saber quem são os estudantes que optam pelos cursos de licenciatura. De suas considerações a partir de dados do Exame Nacional de Cursos (ENADE) de 2005, com cerca de 137 mil estudantes de diferentes cursos de licenciatura, se lê que a razão para a escolha pelo magistério é de 65,1% entre os alunos do curso de Pedagogia, enquanto que para as demais licenciaturas essa porcentagem cai para 48,6%. Cerca de 4,8% dos estudantes de Pedagogia afirmaram “não querer ser professor”, enquanto que desses, 13,3% veem o curso como uma outra opção, caso não consigam exercer outro tipo de atividade profissional.

Para muitos destes estudantes oriundos de cursos de formação docente em nível médio, o curso de Pedagogia é uma porta de entrada ao ensino superior, uma “escolha pelo possível”, mesmo que não almejem atuar na docência.

BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DO CURSO DE PEDAGOGIA

Por muitos anos a formação das professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental (a antiga “professora primária”) foi oferecida nas Escolas Normais – mais tarde denominadas Cursos de Magistério - em nível secundário ou de 2º grau. Posteriormente, após muito tempo presente na pauta de discussões, apontada como uma das possíveis

soluções para a crise no ensino público, a formação desses professores foi assumida pelo ensino superior. Oliveira (2010, p. 237) ressalta:

Depois de um período marcado pelo tecnicismo da década de 1970, a formação das professoras do ensino primário em nível superior se apresenta na pauta dos encontros educacionais com mais ênfase, na década de 1980, tendo a Associação Nacional para a Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE) como sua maior representante. O momento era de intensas críticas sobre a educação que se consolidava nos moldes do capitalismo e sobre as formas de intervenção da prática escolar. Chamava-se, também, pela urgente reforma para a melhoria do ensino público, cujo fracasso vinha sendo constatado por todas as instâncias sociais.

Essa mudança ocorre a partir do momento em que se passa a perceber que a tarefa do professor é complexa e exige, inclusive a partir da Educação Infantil, profissionais com formação superior. Esta visão foi consolidada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996).

As Diretrizes Curriculares para o Curso de Pedagogia foram homologadas pelo Ministro da Educação e publicadas no Diário Oficial da União em 15 de maio de 2006, conhecida como Resolução CNE/CP n.1/06 (BRASIL, 2006). As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) definem que o Curso de Pedagogia formará profissionais para o magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, como também docentes para as matérias pedagógicas no Curso Normal de nível médio e de cursos da Educação Profissional e ainda asseguram a formação de profissionais da educação prevista no artigo 64 da Lei n. 9394/96 (BRASIL, 1996).

Conseqüentemente, o Curso de Pedagogia, na sua atual formulação legal, configura-se, não única, mas principalmente, como o *lôcus* de formação de professores para a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental.

O referido curso foi progressivamente assumindo a função de habilitar os professores para atuação na primeira etapa do ensino fundamental, e, atualmente, apresenta-se como a principal possibilidade formativa desse profissional e aquela exigida, especialmente nos grandes centros, pelo mercado de trabalho.

Interpretações da lei nos primeiros anos da promulgação impeliram o professor formado pelo Curso Normal, inserido no mercado de trabalho, a ingressar em um curso de graduação em Pedagogia, seja por exigência da escola privada em que trabalha, seja por almejar um novo posto em uma escola de maior prestígio ou por desejar fazer um concurso público.

Que representações têm os estudantes que fazem o curso de Pedagogia de suas escolhas pelo curso? Em que medida as escolhas dos estudantes se alinham com os resultados das pesquisas? Qual a razão de alguém hoje escolher o curso de Pedagogia, em que pesem o desprestígio da carreira de professor de séries iniciais e os baixos salários? Em que medida as exigências da atual legislação (LDB/96) levam professores com cursos normais a ingressar nos Cursos de Pedagogia? Para conhecer as razões e motivações que levam estudantes ao Curso de Pedagogia, nos remetemos a estudantes de IES que faziam parte do *survey* da pesquisa em andamento e os indagamos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nosso *corpus* de análise é composto por 82 relatos de estudantes de dois cursos de Pedagogia, de uma instituição pública e de uma privada. Cabe registrar que este é um recorte do estudo realizado pelo grupo da pesquisa citada acima, que focou condições de formação e do desenvolvimento do trabalho discente, considerando seus perfis, trajetórias escolares e condições escolares de estudantes de cursos de Pedagogia.

Na instituição pública, os relatos dos estudantes foram solicitados a partir da aplicação de um questionário realizado na ocasião da pesquisa de doutorado de uma das autoras, integrante do grupo de pesquisa. A partir de uma postura de abertura por parte dos estudantes ao responderem o questionário, realizando anotações e comentários sobre o curso no final do instrumento, a equipe de aplicação solicitou e-mail ou telefone dos respondentes para que futuros contatos de pesquisa fossem realizados. Obtivemos 223 endereços de e-mail. A partir deste contato, solicitamos aos estudantes que comentassem por escrito dois aspectos de sua trajetória no curso de Pedagogia respondendo as seguintes questões: “Como você chegou ao curso de Pedagogia?”; seguido de “Como está sendo sua experiência de aluno?”. Montamos uma base em plataforma da *internet* dedicada a este tipo de trabalho,

utilizando a ferramenta do *google drive*. Após três solicitações, obtivemos um total de 57 respondentes, que correspondeu a cerca de 20% de todos os que forneceram seus contatos, dos turnos diurno e noturno, a partir do 5º período.

Na instituição privada, outra integrante do grupo de pesquisa, uma professora da instituição solicitou a suas alunas do Curso de Pedagogia, do turno noturno, ao final de uma aula da disciplina Metodologia da Alfabetização, em que a maioria cursava o 4º período, que respondessem, em uma folha padrão da universidade, as seguintes questões: “Como e por que ingressei no curso de Pedagogia?” e “Minhas expectativas em relação ao curso?”. Deveriam também colocar a idade e a atual ocupação profissional. A identificação seria opcional, mas todos optaram por identificar-se, colocando o nome completo na folha.

A turma era composta de 34 alunos; no dia da aplicação estavam presentes 25 estudantes e todos se prontificaram a responder. Dentre os respondentes, 24 eram do sexo feminino e 1 do sexo masculino. Dos 25 participantes, 14 afirmaram já serem professores (destes alguns são auxiliares de professor) e 2 atuavam em outras funções dentro da escola. Os 11 restantes têm atividades profissionais bastantes variadas. Todos demonstraram interesse na tarefa solicitada e muitos disseram que aquela era uma boa oportunidade para refletirem sobre sua escolha e sua caminhada dentro do curso até ali.

ANÁLISE DOS DADOS

Seria possível descrever as razões e motivações dos estudantes de Pedagogia de ambas as instituições em uma tipologia que representasse os tipos de escolha pelo magistério? O material das duas instituições forma digitados e impressos. Procedemos a uma leitura exaustiva para compreendermos todo o material que dispúnhamos. Esperávamos, inicialmente, que muitos estudantes de Pedagogia tivessem escolhido este curso para serem professores e, portanto, descobriríamos quais as razões da escolha de ser professor. Começamos examinando as respostas dos estudantes da universidade privada. Analisando o material do primeiro grupo de estudantes, percebemos que os relatos traziam outras razões para que os estudantes chegassem aos cursos de Pedagogia: ser professor não era a única explicação dessa escolha.

Além dos que escolheram Pedagogia para ser professor, havia estudantes que escolheram Pedagogia por aspirar fazer um curso de pós-

graduação; alguns precisavam de uma certificação por já atuarem na área de Educação ou porque queriam fazer concurso; outros escolheram Pedagogia por terem recebido uma bolsa; e aqueles que queriam simplesmente fazer um curso superior. Também nos deparamos com um tipo de explicação que aludia à escolha do curso de Pedagogia ao fato de terem feito o curso Normal no passado.

Procedendo a leitura do conjunto de respostas da segunda universidade, percebemos, de forma mais clara, que as razões alegadas pelos estudantes do primeiro grupo se repetiam; entretanto, de forma mais intensa, verificamos que, assim como no primeiro grupo, alguns estudantes escolheram cursar Pedagogia por algumas contingências. Nesses casos, uma multiplicidade de razões era apontada como motivadoras da escolha, algumas inclusive, aparecendo ao mesmo tempo: por ser um curso mais fácil, por ter um ingresso facilitado, por ter recebido uma bolsa, por indicação de um familiar ou conhecido ou mesmo de um professor. Enfim, razões explicadas mais pelas circunstâncias começaram a dar forma a um tipo de motivação, diferente daquelas que faziam menção de uma escolha pelo curso de Pedagogia pelo aspecto profissional. Entretanto, percebemos que nesse grupo também havia estudantes que durante o curso se perceberam como professores ou que resolveram se tornar professor ao realizarem o curso: por diferentes razões, esses estudantes declararam que ao longo do curso de Pedagogia decidiram ser professores, realizando uma escolha *a posteriori*.

Para construir a tipologia, partimos da ideia de que as categorias devem ser exaustivas, de forma a abarcar todo o material analisado; exclusivas, no sentido de que um determinado aspecto do material não possa ser classificado em mais de uma categoria; concretas, na medida em que não devem ser expressas de forma abstrata; adequadas, de maneira que a categorização seja pertinente ao conteúdo e ao objetivo do estudo (MINAYO, 1996).

Pensamos que seria possível descrever as escolhas, primeiramente, a partir de duas lógicas: uma escolha pautada em razões profissionais e a outra baseada em razões circunstanciais. Importante ressaltar que não se trata de um tipo de escolha superior a outra, e sim de diferentes motivações. Valle (2006) nos ajudou a pensar ao afirmar que a carreira docente resulta de dois tipos de escolha:

- 1) A escolha do magistério resulta de uma decisão consciente ou inconsciente tomada durante a escolarização média, ou até mesmo antes dela, em razão da atração que a carreira docente exerce sobre o jovem estudante. Este se investe, então, na realização de seu projeto profissional, colocando em prática múltiplas estratégias (...)
- 2) A escolha do magistério pode, por outro lado, ser provocada pela impossibilidade de concretizar um outro projeto profissional, seja devido a circunstâncias diversas de ordem pessoal (...) (Valle, 2006).

Cabe registrar que ao analisarem o processo de escolha do curso de Pedagogia por alunas de perfil social mais elevado, Nogueira e Pereira (2010) já sinalizavam que a manifestação do gosto pela carreira poderia ser mais ou menos favorecida por contingências específicas. Nesse estudo, os autores realizaram uma classificação das escolhas tendo em vista “o grau de antecedência com que o curso foi realizado, as razões pelas quais a decisão pelo curso foi mais ou menos adiada e o gosto maior ou menor manifestado pela profissão” (p. 28). Era a chave que precisávamos para completar nossa própria classificação das escolhas pelo curso de Pedagogia tendo em vista as respostas que obtivemos nas duas instituições de ensino superior.

UMA PROPOSTA DE CATEGORIZAÇÃO DAS ESCOLHAS: “PROJETO OU CIRCUNSTÂNCIA”

Após analisarmos os relatos, chegamos então a duas categorias que denominamos “Projeto” e “Circunstância”. Como se trata de categorias definidas por nós, é importante descrever o que está sendo considerado em cada uma. Na categoria “Projeto”, agregamos razões baseadas em uma decisão tomada *a priori*, antes da entrada no curso, escolhas descritas com argumentos relacionados a um repertório profissional. Tartuce et al. (2010) ajudaram a construir um entendimento desse tipo de escolha.

Os sujeitos da pesquisa possuem um projeto de futuro que inclui o ingresso, em algum momento, na universidade e a maioria demonstra vontade de trabalhar e estudar. Eles expuseram os fatores que interferem nesse projeto profissional e falaram das relações entre desejo e realidade (TARTUCE *et al.*, 2010, p. 454)

Na categoria “Circunstância”, classificamos as escolhas que demonstram a chegada no curso de Pedagogia por outras razões, por acaso ou com razões de descarte: “em geral considera-se que a escolha se dê por descarte, por se tratar de cursos gratuitos ou baratos, aligeirados, de fácil acesso, portanto, viáveis não só do ponto de vista econômico, mas também das exigências acadêmicas” (Idem, p. 470).

As falas a seguir exemplificam esses dois tipos de escolha:

“Projeto”:

No ensino médio optei por fazer o Curso Normal, pois sempre sonhei em ser professora. Após o fim do curso procurei a faculdade de pedagogia com o objetivo de aprofundar meus conhecimentos na área. (Universidade Pública)

“Circunstância”:

Quando acabei o ensino médio não tinha passado em nenhuma faculdade pública e apareceu o BOLSÃO da UCAM com o curso de Pedagogia; e soube sobre a área empresarial que decidi fazer. (Universidade Privada)

“PROJETO”: “ESCOLHA PRECOCE DE SER PROFESSOR” E “ESCOLHA DE SER PEDAGOGO NÃO-PROFESSOR”

Procedemos então a uma análise de todos os relatos classificados como “Projeto”. Percebemos duas tendências: estudantes que realizaram a escolha do curso por querer ser professor - que chamamos de “escolha precoce de ser professor” - e outros que estavam realizando o curso de Pedagogia, mas não pretendiam atuar no magistério; seus relatos afirmavam claramente sua decisão de atuarem na área de educação, com coordenação, gestão, ou mesmo com pedagogia empresarial. Denominamos essa motivação como “escolha de ser pedagogo-não professor”.

Os relatos desse grupo indicavam que muitos estudantes realizaram uma escolha anterior de ser professor em especial por terem atuado na área, em creches ou escolas, ou por vezes por terem trabalhado com crianças em ambientes informais, as vezes de âmbito religioso. Muitos associavam à sua opção alguma vocação ou talento para ensinar.

Iniciei minha opção pela docência aos 14 anos de idade, quando comecei a dar aula de explicação particular em casa e percebi que tinha muita facilidade em ensinar e promover novas formas de aprender aos meus alunos. (Universidade Pública)
Ingressei no curso de Pedagogia por ter trabalho em uma creche-escola que me fez perceber o quanto tinha o dom de ensinar. Ao ver o que as professoras faziam, procurava fazer o melhor de mim para aprender e fazer até melhor do que elas, então resolvi me inscrever no curso para ter um conhecimento mais amplo de tudo o que via e aprendia. (Universidade Privada)

Para estes estudantes a escolha do curso está ligada à sua trajetória de vida de envolvimento com a educação; para muitos, desde muito cedo. O curso seria uma opção de se profissionalizar para aquilo que já vivenciava na prática, de modo informal, ou mesmo acompanhando o trabalho de outros docentes.

Deve-se notar que dentro do subgrupo ou subcategoria “escolha precoce de ser professor”, encontramos diversos relatos com justificativas relacionadas ao fato de já terem feito curso de formação de professores, o Curso Normal, como se percebe nas falas a seguir:

Eu já tinha uma formação na área da educação. Meu ensino médio foi formação de professores. Quis cursar Pedagogia para dar continuidade a formação. (Universidade Pública)
Desde pequena dava aula para as bonecas, sempre tive a vontade de ser professora. Então, no meu ensino médio fui cursar o “normal- formação de professores” no Colégio Julia Kubitschek. Foram quatro anos de muito estágio e paixão. Comecei a faculdade de Pedagogia para uma melhor especialização e continuar os estudos na área que iniciei no ensino médio. (Universidade Privada)

Percebemos que a maioria dos que cursaram o ensino médio na modalidade normal optava pelo curso de Pedagogia a fim de dar continuidade à preparação para a docência, “querendo especializar minha experiência de ser professora” ou por se sentir “despreparada para atuar”, buscando assim, aprofundar os estudos na área da docência.

Por outro lado, cabe considerar a necessidade de certificação docente, especialmente a partir da LDB/96, que criou uma demanda para o profissional que deseja manter-se ou progredir no mercado de trabalho, uma espécie de “quase obrigação”, de fazer o curso de

Pedagogia, bem como a atual exigência de concursos públicos na área de Educação no estado e na cidade do Rio de Janeiro.

Entre os relatos dos estudantes da categoria “Projeto”, um grupo escolheu o curso para ser pedagogo e atuar em outros espaços educacionais, dentro e fora da escola. Há, por exemplo, aqueles que escolheram o curso “por conhecer a pedagogia empresarial e saber que poderia trabalhar com recursos humanos”. Chamamos este tipo de motivação de “escolha de ser pedagogo não- professor”. Estudantes das duas universidades relatam:

Na época do vestibular eu já sabia que queria atuar como RH. Tinha 3 opções: Administração, Psicologia ou Pedagogia. Administração tem cálculo e eu não iria me dar bem. Psicologia tem anatomia e eu não consigo ver sangue. Então a opção que restou foi Pedagogia. (Universidade Pública)

Se fosse escolher hoje o meu curso, com certeza escolheria outro, pois o professor está cada dia mais desvalorizado. Como estou “quase” terminando, o que me resta é a área empresarial e é isso que pretendo quando terminar a Pedagogia. (Universidade Privada)

Apesar de a Pedagogia empresarial e recursos humanos não serem o foco dos cursos de pedagogia em questão, há demanda de interesse por parte dos estudantes para a oferta de disciplinas que tratem da temática. Em uma das instituições, a habilitação deixa claro a ênfase na docência, mas afirma que o egresso do curso será capaz de atuar em demais espaços em que se exija um profissional para gerir processos educacionais. No entanto, os estudantes ressentem que não há formação suficiente para a área, segundo eles, “[os professores] esquecem que a pedagogia atua em muitas outras áreas, como no ambiente corporativo”.

Esses estudantes, ao vislumbrarem outras possibilidades dentro da formação por eles vivenciada, parecem realizar “estratégias de reconversão” (BOURDIEU, 2011, p. 105) de sua escolha profissional, que se apresenta como desvalorizada, numa tentativa de se enquadrar em outras possíveis áreas de atuação mais vantajosas, não apenas financeiramente, mas que lhes apresentem uma maior valorização de seu trabalho.

Uma estudante relata também um caso de reconversão semelhante, mas desejando permanecer na área da educação. Para ela,

após receber a proposta para atuar como coordenadora pedagógica, foi “buscar maior embasamento para esta função”. Segundo seu relato, a busca pelo curso de Pedagogia representou uma forma de profissionalizar-se para atuar na nova função escolar, fazendo parte da coordenação pedagógica de uma escola.

“CIRCUNSTÂNCIA”: “ESCOLHA TARDIA DE SER PROFESSOR” E “ESCOLHA DE NÃO-PROFESSOR E NÃO-PEDAGOGO”

Na categoria “Circunstância”, a escolha do curso de pedagogia não era a primeira opção para os estudantes. Os relatos evidenciavam um leque de motivações que os levaram a escolher Pedagogia. No conjunto das variadas razões, percebemos uma tendência nas escolhas nesse grupo. Um grupo de estudantes que, apesar de não ter realizado uma escolha motivada pelas razões anteriores, resolveram se tornar professores durante o curso, criando uma certa identificação com a profissão docente a partir das vivências durante o curso, realizando o que chamamos de “escolha tardia de ser professor”. Outro grupo de relatos evidenciaram o desejo de alguns estudantes de atuarem profissionalmente em outras áreas, ou seja, não querem ser professores nem atuar como pedagogos. Denominamos essa motivação de “escolha de não ser professor e não ser pedagogo”.

Percebemos falas classificadas na categoria “Circunstância” que apontavam para um tipo de escolha em que os estudantes declaravam a afinidade com o magistério pelo reconhecimento de uma “vocaçãõ” ou de um “dom” percebido tardiamente, muitas vezes descrito quase como um chamado durante o curso de Pedagogia.

Entrar na pedagogia de início não foi a realização de um sonho ou algo assim, mas com o tempo descobri que era a minha vocação e tenho muito orgulho da minha graduação. (Universidade Pública)

Nunca havia pensado em fazer um curso de pedagogia até fazer um concurso público onde a criança era o público alvo a atender me encontrei ao lidar diretamente com o ser humano e suas idiosincrasias e resolvi ir mais a fundo, conhecer o que havia por traz de um ser tão especial. O olhar de uma criança. Já tive meu filho ainda garota. A questão é que me apaixonei pelo que já era apaixonada, gente! O ser humano a criança o aluno o saber, saber ensinar lidar com diversidades. Penso que achei minha vocação. O insight pode

ter chegado tarde, mas chegou! (Universidade Privada)

É possível que o curso de Pedagogia tenha “cooptado” esses estudantes, ou mesmo, quando os estudantes mencionam que se apaixonaram pelo curso, pode significar que eles são conduzidos a “ter gosto daquilo a que, de qualquer modo, estão condenados” (BOURDIEU, 2011, p. 169). Na leitura de Bourdieu, gosto é “*amor fati*, escolha do destino embora forçada, produzida por condições de existência que, ao excluir qualquer outra possibilidade como se tratasse de puro devaneio, deixam como única escolha o gosto pelo necessário” (Idem).

A necessidade impõe um gosto por necessidade que implica uma forma de adaptação à necessidade e, por conseguinte, de aceitação do necessário, de resignação ao inevitável, disposição profunda que não é, de forma alguma, incompatível com uma intenção revolucionária. (BOURDIEU, 2011, p. 350)

Observamos que “o gosto como necessidade tornada virtude” pode explicar por que alguns estudantes decidam por permanecer não apenas no curso de Pedagogia, mas também na profissão de professor, ao “tomarem gosto pelo ensino”, afinal, já houve um grande investimento e se exigiria mais tempo para reiniciar uma nova formação no ensino superior.

Alguns relatos dentro do conjunto classificado como “circunstância” trazem evidências de um tipo de escolha que não se alinha com as demais. São estudantes que não pretendem atuar na área de educação. Eles permanecem no curso de Pedagogia, alguns mesmo com certa insatisfação.

Cheguei no curso de Pedagogia sem na verdade querer exatamente pedagogia. Embora não seja a área que eu queira trabalhar especificamente, a área de administração é onde eu realmente quero estar. Eu estou cansada de ser da pedagogia, não vejo a hora de deixar de ser da pedagogia pra buscar novos rumos. (Universidade Pública)

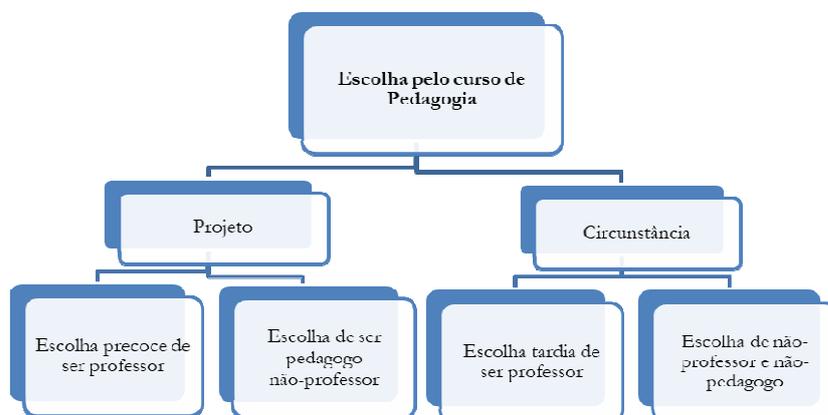
Geralmente, a decisão de mudar de curso é tomada no primeiro ano do curso (COULON, 2008; LOPES & COSTA, 2009). Os estudantes em questão já decidiram permanecer no curso, e pretendem

futuramente, realizar outra graduação em outra área, como observamos em seus relatos: “Se fosse escolher hoje o meu curso, com certeza escolheria outro, pois o professor está cada dia mais desvalorizado”; “Meu desejo, na verdade, é realizar pós-graduação em Psicopedagogia e, mais tarde, buscar graduação em Psicologia”. Gatti e Nunes (2008) ressaltam que nestes casos, pedagogia parece ser uma espécie de “seguro desemprego”.

Uma possível razão para essa insistência em permanecer no ensino superior, independentemente do curso, pode ser pelo desejo de uma vida melhor, como vemos nos estudos de Charlot (2005, p. 67), segundo os quais “de 75 a 80% dos alunos estudam para mais tarde ter um emprego melhor”. Vargas e Paula (2013), a partir de levantamento de dados de 2004 do Ministério da Educação (MEC) e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), apontam que a grande maioria dos concluintes do ensino superior, 80%, consideram que a principal contribuição do curso foi a aquisição de formação profissional, ou seja, qualificação para atuação profissional. Tais estudantes, como vemos, já vislumbram sua inserção no mercado de trabalho. Este estudante sabe que precisa da instituição escolar para conseguir os melhores empregos. Segundo Neri (2009), mais anos de escolarização representam a possibilidade de maior empregabilidade, bem como ganhos salariais. O curso de Pedagogia desponta como este caminho, especialmente pela abertura que o diploma de nível superior proporciona para o exercício de futuras atividades profissionais.

De outro lado, a opção de concluir este curso e, em futuro próximo, reingressar em nova formação universitária (em qualquer instituição de ensino superior sem a necessidade de realização de novo vestibular e sim de uma prova específica da área) pode parecer como mais viável para aqueles que precisam, na maioria dos casos, trabalhar para estudar. Mais uma vez, a permanência no curso de Pedagogia aparece como a “estratégia mais razoável”. A conclusão do curso superior pode acarretar de imediato o aumento de capital simbólico e social na vida destes estudantes.

Apresentamos as escolhas pelo curso de Pedagogia num diagrama.



Quadro 1: Tipologia da escolha pelo curso de Pedagogia: Projeto ou Circunstância. (Fonte: as autoras, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os motivos que levam estudantes a escolherem, hoje, o curso de Pedagogia, é a temática central deste trabalho. Inicialmente esperávamos que majoritariamente os estudantes de Pedagogia tivessem escolhido este curso para serem professores e descobriríamos as razões da escolha de ser professor. Entretanto, acabamos constatando, conforme vários estudos apontam: segundo Tartuce et al. (2010), Gatti (2009) nem todos os estudantes fazem Pedagogia como curso de formação de professor. Muitos estudantes estão cursando Pedagogia por outras razões profissionais ou ocasionais. Essa constatação gerou o primeiro nível da tipologia: “Projeto” e “Circunstância”. Passamos a nos debruçar, então, nas motivações declaradas nos relatos de ambos os grupos e percebemos tendências que se manifestavam com mais intensidade; isso nos levou ao segundo nível da tipologia. Pode-se pensar que se o primeiro nível da tipologia pode ser aplicado a escolhas de estudantes de qualquer graduação, na medida em que estudantes de graduação, incluindo aqui os de Pedagogia, escolhem seus cursos por razões mais profissionais ou mais circunstanciais. Entretanto, o segundo nível da tipologia trata-se de escolhas típicas de nosso conjunto: estudantes de cursos de Pedagogia.

A análise aprofundada do conjunto de respostas revelou que a opção pelo magistério não é a razão exclusiva que leva estudantes ao curso de Pedagogia. Entretanto, apesar de ultrapassada tanto pela psicologia quanto pela sociologia, a ideia do “dom para o magistério” – como algo inato, que se revela ou que se descobre – ainda é citada por

muitos estudantes que pretendem ser professores, seja os que fizeram sua escolha anterior ao curso, seja os que a fizeram posteriormente, configurando o que denominamos “mito do dom”.

A representação do magistério como “vocação” e a premissas da tendência natural feminina para desempenho de uma atividade “maior” e superior às demais profissões trouxe uma enorme ambiguidade para a formação dos professores do 1º segmento do ensino fundamental (antigo primário). A ideia do “dom para o magistério” e da “vocação feminina” para lidar com as crianças conecta-se a uma percepção de capacidade natural, que se distancia da percepção da importância da dimensão científico-técnica da formação profissional. O autodidatismo aliado à vocação/motivação intrínseca para a atividade não contempla as exigências de conhecimentos das ordens científicas e técnica para lidar com a complexidade das sociedades, a densidade e diversidade da população que habita as cidades, nem os desafios dos sistemas escolares em relação à pluralidade cultural e estratificação social da população que atende.

A tipologia proposta foi fruto da análise qualitativa escolhida para casos em que se buscam opiniões, crenças e valores (MINAYO, 1996). Cabe comentar que comparando a quantidade de relatos classificados segundo os quatro tipos de escolha, as falas alinhadas com a escolha não-professor e não-pedagogo representam um número menor de relatos, entretanto afirmados com intensidade suficiente para justificar a constituição de uma categoria. É possível que se tenha mais clareza das razões da não escolha pelo magistério e pela educação ampliando essa pesquisa com a inclusão de outras instituições de ensino superior no estudo.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; São Paulo: Difel, 1989.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. 11ª ed. Trad. Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 2011.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

_____. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Resolução 1/2006. **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia**, licenciatura. Maio de 2006.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação de professores e globalização: questões para a educação hoje.** Porto Alegre, Artmed, 2005.

COULON, Alain. **A condição de estudante: a entrada na vida universitária.** Trad. Georgina dos Santos e Sônia Sampaio. Bahia: EDUFBA, 2008.

GATTI, Bernardete.; BARRETO, Elba de Sá. (Coords). **A atratividade da carreira docente no Brasil.** São Paulo: Fundação Victor Civita e Fundação Carlos Chagas, 2009.

GATTI, Bernardete.; NUNES, Marina Muniz Rossa (Coords). **Relatório final: estudo dos cursos de licenciatura no Brasil: letras, matemática e ciências biológicas.** Rio de Janeiro: Fundação Carlos Chagas, 2008.

GATTI, Bernardete. Formação de professores no Brasil: **características e problemas.** *Educ. Soc., Campinas*, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.-dez, 2010.

LOPES, João Teixeira. **Os estudantes e os seus trajectos no Ensino Superior: Sucesso e Insucesso, Factores e Processos, Promoção de Boas Práticas.** Relatório final de Pesquisa, Portugal: 2009.

MELLO, Guiomar Namó de. **Representações e expectativas de Professores de 1º grau sobre o aluno pobre, a escola e sua prática docente.** São Paulo: Fundação Carlos Chagas. Educação e Desenvolvimento Social, 1981.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 4 ed. São Paulo: Rio de Janeiro: HUCITEC; ABRASCO, 1996.

NERI, Marcelo. O paradoxo da evasão e as motivações dos sem escola. In: VELOSO, Fernando.; et al. **Educação Básica no Brasil: construindo um país do futuro.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

NOGUEIRA, Claudio.; NOGUEIRA, Maria Alice. **Os Herdeiros: fundamentos para uma sociologia do ensino superior.** *Educ. Soc.* [online]. 2015, vol.36, n.130,-p. 47-62.

NOGUEIRA, Claudio; PEREIRA, Flávia Goulart. O gosto e as condições de sua realização: a escolha por pedagogia entre estudantes com perfil social e escolar mais elevado. **Educação em Revista** [online], v. 26, n. 3, p. 15-38, dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000300002>. Acesso em: 15 maio 2018.

OLIVEIRA, Leandra Martins de. Políticas educacionais na formação da professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental em cursos de licenciatura. **Ensaio: aval. Políticas públicas educacionais**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p. 235-252, abr./jun. 2010.

RODRIGUES, Priscila Andrade. **Diurno e noturno. Desigualdades de origem e de formação entre estudantes de um curso de pedagogia**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SÁ EARP, Maria de Lourdes; RODRIGUES, Priscila Andrade; MARAFELLI, Cecilia. "Projeto ou circunstância"?: Tipologia da escolha de estudantes pelo curso de Pedagogia. In COSTA, Antônio Pedro, TUZZO, Simone, BRANDÃO, Catarina (Eds.). **Atas do 6º Congresso IberoAmericano em Investigação Qualitativa** (Volume 1 - Investigação Qualitativa em Educação). Oliveira de Azeméis - Aveiro - Portugal: Ludomedia, 2017, p. 1715–1724. Disponível em: <<http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1525/1482>>. Acesso em: 15 maio 2018.

SILVA, Rose Neubauer da; ESPÓSITO, Yara Lucia; GATTI, Bernardete A. Características de los profesores de primergrado em Brasil: perfil e expectativas. Proyecto Principal em Educación em América Latina y el Caribe, **Boletín 34**, Santiago, Chile, 1994, p. 36-53.

TARTUCE, Gisela Lobo, NUNES, Marina Muniz Rossa e ALMEIDA, Patricia Cristina. Alunos do ensino médio e atratividade da carreira docente no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.140, maio/ago. 2010.

VALLE, Ione Ribeiro Carreira do magistério: uma escolha profissional deliberada? **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos Brasília**. v. 87, n. 216, p. 178-187, ago., 2006.

VARGAS, Hustana; PAULA, Maria de Fátima Costa de. A inclusão do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante na educação superior: desafio público a ser enfrentado. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 18, n. 2, p.459-485, jul. 2013.

Recebido: 17 de março de 2018

Aprovado: 14 de julho de 2018